

**O ESPAÇO PÚBLICO COMO TEXTO – VISÃO
SEMIÓTICA DO MEIO URBANO**

Fernanda de Fátima Fernandes Pereira (UNIGRANRIO)

fernandesfernanda2018@hotmail.com

Renato da Silva (UNIGRANRIO)

redslv333@gmail.com

RESUMO

Podem-se conhecer a história, a memória e as identidades das pessoas que vivem em uma determinada cidade, se observarmos com atenção o espaço urbano e tudo o que nele pode ser encontrado. Todas as peças que compõem tal espaço têm uma significação. São signos, e, assim sendo, podem ser interpretados. A semiótica, ciência que estuda os significados de todos os signos linguísticos, se mostra como instrumento que muito auxilia estudiosos de várias áreas de conhecimento, no sentido de munir os com dados importantes para seus trabalhos de investigação. O objetivo deste trabalho é mostrar como a ciência da semiótica pode ser usada para estudar e interpretar os diferentes signos linguísticos que estão presentes nos objetos e nos espaços encontrados nos meios urbanos, e assim sendo, conhecer a história dos mesmos. Consultou-se para este trabalho algumas obras de autores importantes, tais como Lucia Santaella, Giulio Carlo Argan, Françoise Choay e Susana Gastal. A metodologia utilizada para esta pesquisa seguiu a abordagem bibliográfica, assim como também pesquisou-se sobre o referido assunto em alguns sites da *internet*.

Palavras-chave:

Interpretação. Semiótica. Signos. Espaço urbano.

1. Introdução

Há uma citação interessante que Lefebvre faz com relação à maneira de vermos e entendermos a cidade, sob o ponto de vista da semiótica, citação esta que diz “Sim, lê-se a cidade, porque ela se escreve, porque ela foi uma escrita. Entretanto, não basta examinar esse texto sem recorrer ao contexto” (LEFEBVRE *apud* GASTAL, 2006, p. 26).

Esta citação serve como ponto de partida para a pesquisa que desenvolvemos neste breve trabalho, em que nos utilizamos da semiótica para entender os diversos significados que se podem depreender com a observação de toda a simbologia visual que pode ser encontrada nos espaços urbanos.

O espaço público, e tudo o que nele pode ser encontrado, revela muito sobre as pessoas que nele circulam, assim como também a maneira como tal espaço é mantido, conservado e como tais pessoas são tratadas

pelo Poder Público. As ruas de bairros cujos moradores possuem maior valor aquisitivo, por exemplo, são diariamente varridas e limpas. Algumas são até lavadas durante a madrugada, o que destoa totalmente das ruas situadas em bairros pobres, de periferia, as quais, nem sempre, têm seu lixo recolhido três vezes por semana e também não recebem o mesmo tratamento das ruas situadas em bairros onde pessoas de maior poder aquisitivo residem.

A observação do espaço público e seus componentes históricos retratados e representados por mobiliário, calçadas, monumentos, praças e outros itens presentes no mesmo, sob a ótica da semiótica e as interpretações que ela possibilita observar, podem ser considerados como fontes de revelação de marcas identitárias de um determinado grupo social.

2. *O espaço público reconhecido como lugar de pertencimento*

Tudo o que integra o espaço público faz parte daquilo que as pessoas que ali nasceram e lá continuam vivendo consideram como seu lugar de pertencimento, pois os representa de alguma forma, e tal pode ser referente, por exemplo, ao relógio da praça, o coreto, uma fonte, uma estátua, um banco de madeira situado em uma calçada, uma árvore, ou qualquer outro elemento que integre aquele determinado espaço. É importante ressaltar que, neste contexto, a denominação “espaço” se refere a local geográfico, ao passo que o conceito de lugar é aqui considerado como aquele espaço onde estão presentes fatores que envolvem sentimentos e lembranças. Deve ser entendido, de acordo com Félix (2017, p. 14), citando Yi-Fu Tuan como “um lar, um espaço íntimo, específico, de um ser humano”.

Os “lugares” das pessoas, de acordo com a Geografia Humanística (AQUINO, 2017, p. 26), consiste além do espaço físico, também “a presença de ambientes de compartilhamento e o envolvimento das emoções dos indivíduos, seus conflitos, lutas e sentimentos”. É, portanto, o local onde as pessoas se reconhecem como sendo parte dele.

É importante ressaltar que, de acordo com o que nos mostra Jasso (2012, p. 90), a linguagem apreendida pela observação da cidade e toda a sua dinâmica não mostra somente ela própria, vista como espaço geográfico, mas também mostra a identidade da sociedade que nela vive. Segundo a teoria psicológica da personalidade, o pulsar advindo de seus habitantes também nos mostra fatos importantes acerca de suas personalidades e identidades. As reações e manifestações observadas nos espa-

ços públicos traduzem a atmosfera e o espírito da própria cidade, e essa atmosfera pode ser analisada não somente do ponto de vista emocional, mas também faz referência às modificações que nela se dão, de forma constante, no tempo e no espaço.

3. *Por que os monumentos são construídos e dispostos em locais públicos?*

São eles mostras físicas que nos fazem (re)conhecer a memória coletiva que marca a identidade das pessoas que habitam, e habitaram, aquele local, em determinado momento da História. Eles estão ali dispostos para que as pessoas que por ali passam e residem lembrem-se de sua História. Na contemporaneidade, época marcada e centrada em uma cultura de imagens, parece ser importante para as pessoas verem algo material que possa trazer consigo a possibilidade de interpretação e conhecimento acerca daquilo que se vê. Tal visibilidade serve como elemento imagético que tem a finalidade de manter viva na memória individual e coletiva a lembrança de algo ou alguém que serve, ou já serviu, para reconhecer marcas identitárias das pessoas.

Além disso, pode se considerar o espaço urbano da cidade como sendo um lugar para criar, destruir ou conservar. A cidade, de acordo com o que nos ensina Lessa (2005, p. 60) “guarda em todo o seu processo de transformação a memória viva de seu passado. Tem sempre o passado como presente”.

4. *Mensagens visuais e sua identificação*

Há uma tendência natural de sempre tentarmos associar a estrutura verbal e a visual, mas essas duas estruturas têm distinções que exigem certo treinamento e inteligência visual para podermos interpretá-las. De acordo com Dondi (1997),

[...] os dados visuais têm três níveis distintos e individuais: a *input* visual, que consiste de miríades de sistemas de símbolos; o material visual representacional, que identificamos no meio ambiente e podemos reproduzir através do desenho, da pintura, da escultura e do cinema; e a estrutura abstrata, a forma de tudo aquilo que vemos, seja natural ou resultado de uma composição para efeitos intencionais. Existe um vasto universo de símbolos que identificam ações ou organizações, estados de espírito, direções – símbolos que vão desde os mais pródigos em detalhes representacionais até os completamente abstratos, e tão desvinculados da informa-

ção identificável que é preciso aprendê-los da maneira como se aprende uma língua. [...] (DONDI, 1997, p. 20)

Todas as comunicações visuais para serem interpretadas, dependem da observação de elementos básicos, os quais constituem a fonte compositiva de todo tipo de materiais e mensagens visuais, além de objetos e experiências. Segundo Dondi (1997, p. 23), são eles: o ponto, marcador de espaço; a linha, o articulador fluido da forma; a forma; a direção; o tom, a presença ou ausência de luz; a cor; a textura; a escala ou proporção; a dimensão e o movimento. É partir desses elementos visuais que “obtemos matéria-prima para todos os níveis de inteligência visual, e é a partir deles que se planejam e expressam todas as variedades de manifestações visuais, objetos, ambientes e experiências” (DONDI, 1997, p. 23).

5. *O que vem a ser a semiótica?*

De forma bem simplificada podemos dizer que a semiótica é a ciência que estuda os signos, os quais se referem a todos os elementos que representam algum significado e sentido, e abrange tanto linguagens verbais como também não verbais. Seus estudos estão intimamente relacionados com a Comunicação, seja ela verbal ou não. Essa ciência procura entender a forma como o ser humano interpreta as coisas e lhes dá significado, principalmente aquelas que estejam à sua volta. Seus objetos de estudo consistem de qualquer tipo de signo social, em qualquer âmbito, seja na fotografia, na moda, na música e tantos outros elementos. Quase tudo o que existe pode ser analisado pela semiótica. Tal ciência teve sua origem na Grécia Antiga, mas só se desenvolveu no início do século XX, com o trabalho de pesquisadores, tais como Ferdinand de Saussure e Charles Peirce.

De acordo com Nöth, citado por Santaella (2010, p. 47) “[...] a semiótica é uma ciência da cultura *par excellence*, pois ela é a ciência universal dos signos e símbolos [...]”. Sabe-se que é importante lembrar que, de acordo com Santaella (2010, p. 46), todos os artefatos ou objetos feitos pelo homem, assim como as motivações e ações e também a fala humana têm significado. E desconhecer esses significados implica em não entender todos os elementos culturais presentes em tais itens. Tais elementos têm significado, pois são signos.

Segundo Yanushkevich (2014, p. 43), “a semiótica é o estudo de signos que, agrupados em sistemas de códigos, analisa os processos de

significados de entendimento e construção, e se baseia na correlação denotativa que tem com os valores de uma determinada sociedade”.

O ato de interpretar tais signos vem a ser o objeto de estudo da semiótica.

6. *O que é semiótica urbana?*

De acordo com Jasso (2012, p. 89), a semiótica urbana refere-se à disciplina que explora a significância social das formas de espaço, assim como também os modos pelos quais os objetos físicos e os tipos espaciais comunicam significado através de sinais e símbolos.

A semiótica considera a cidade como sendo um texto baseado em uma gramática de padrões espaciais e estruturas significativas. A sociedade, a comunidade, e um quadro de interações são os principais contextos para a interpretação de sinais e registros de signos. São eles mais significativos do que a sua ordem puramente física e morfológica. Essa ciência se ocupa da análise não somente de cores, sinais, cartazes, ruas, praças ou edificações, mas também observa mapas, endereços, códigos e *websites*. Importante ressaltar que elementos não visualmente discerníveis ou sem uma forma específica também são considerados como signos para a semiótica.

A cidade é um lugar que concentra em si um conjunto de significados e possui muitos símbolos, que estão visíveis para as pessoas, a quais podem identificar seus significados.

7. *A cidade como espaço de significação e de memória coletiva e social*

O espaço urbano registra os movimentos necessários à circulação das pessoas que nele vivem, dentro de uma perspectiva mais simplista, mas também mostra-se como um indicador real de cultura e modo de vida social dessas pessoas.

Suas ruas, praças, monumentos e edificações trazem consigo as diversas identidades e a memória de sua comunidade. Cada um desses elementos nos remete a alguma passagem histórica, social ou política que tenha sido considerada como importante para essa gente. Tudo nele denota alguma significação. Pode indicar o cuidado, ou não, que se tem com seu patrimônio histórico-cultural, por exemplo.

Segundo Yanushkevich (2014, p. 44),

[...] os registros de memória social de uma cidade consistem de uma parte materializada, retrospectiva, e também de uma outra parte que é atual, viva. [...] a memória viva compreende significados que são representados por conhecimento, crenças, e sentimentos sociais. [...] (YANUSHKEVICH, 2014, p. 44)

Ainda de acordo com Yanushkevich (2014, p. 44), a memória social faz alusão a um complexo entrelaçamento de valores, ideais e moral pública. É um fenômeno que pode ser objeto de estudo linguístico, psicológico, histórico, sociológico e filosófico. Ela é considerada nos aspectos culturais através de sua relação com os meios de comunicação de massa, os quais são capazes de se transformar no curso do tempo e, consequentemente, fazer com que surjam diferentes tipos de pensamento a respeito do passado.

Podem-se também observar nesse espaço as adaptações que tenham sido realizadas em função de necessidades sociais, políticas, ou até mesmo religiosas, e que tenham sido demandadas por tais pessoas.

A vida humana é repleta de simbolismos que trazem consigo possíveis interpretações coletivas ou individuais. Tal simbolismo, quando materializado, pode ser observado, por exemplo, em monumentos ou construções arquitetônicas que sejam parte constitutiva do local onde o indivíduo viva. De acordo com o que diz Orlandi (2007, p. 29), “o homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico”.

Enxergamos no patrimônio cultural e artístico que pode ser encontrado nos espaços públicos da cidade, representado pelos monumentos e construções arquitetônicas, verdadeiros instrumentos que servem para materializar o simbólico espalhado pelos espaços urbanos. Tais obras denotam um tipo de discurso, como já foi dito anteriormente, e assim sendo, são passíveis de serem estudadas pela Análise do Discurso, este entendido como a prática da linguagem, uma vez que esta linha de estudo enfoca, de modo especial, a textualização do político e cultural, assim como também mostra como as relações de poder podem ser significadas e simbolizadas de forma material.

Ainda de acordo com Orlandi (2007, p. 19), “a Análise de Discurso pressupõe o legado do materialismo histórico, isto é, o de que há um real da história de tal forma que o homem faz história, mas esta também

não lhe é transparente. Daí, conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que vai se chamar a forma material (não a abstrata como a da Linguística), que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é, portanto, linguístico-histórica”.

Considera-se o espaço urbano como um verdadeiro mostruário das realidades e verdades de seus moradores, e que, por ser tão rico em detalhes, os quais muitas vezes passam despercebidos por estes, às vezes carece de estudo mais aprofundado e que possa vir a ajudar na reconstrução e conscientização sobre a importância que tais locais têm na vida de seus habitantes, uma vez que tal espaço tem significação importante para a memória de todos os que nele estejam inseridos.

8. O silêncio das obras arquitetônicas e monumentos – significações

O silêncio também tem significado, é traduzido em símbolos e utiliza signos, e visto como tal, pode também ser objeto de análise por parte da semiótica.

Esse silêncio, juntamente com a inércia material e física presentes em patrimônios históricos e culturais não são algo sem significação. Quando olhamos para tais obras podemos imaginar, e também conhecer, a razão pela qual elas foram feitas, o que elas representaram para aquelas pessoas, naquele momento e, principalmente, qual a significação delas dentro do contexto histórico e social. Não são meros pedaços de pedra. Foram pensados, planejados e executados com um propósito. Havia, naquele momento, uma intencionalidade de fazer concreta uma significação, logo, um discurso.

Há uma comunicação sem palavras quando se aprecia uma obra de arte ou um monumento. Falamos aqui não do apreciar de um turista apressado que só quer registrar fotos sem saber na realidade o que tais imagens significam. Aquele que observa e aprecia tais monumentos começa a dialogar em silêncio com o próprio autor daquela obra de arte. A interpretação que tal pessoa vai dar à obra vai depender dela mesma. Mas o registro de quem a criou está ali, falando em silêncio com quem a percebe com mais atenção. É algo similar a um diálogo travado entre o artista e aquele que está apreciando, silenciosamente, sua obra. “Ver e saber perto de si a densa presença dos testemunhos da arte do passado e de hoje... de nada serve se não se reúnem as condições de sua recepção, a co-

meçar pelo recolhimento no tempo e o silêncio [...] tanto no museu quanto diante e dentro dos monumentos” (CHOAY, 2017, p. 230).

Segundo Oliveira (2013, p. 282), o silêncio é uma posição em que o sujeito se insere no sentido. O silêncio tem sentido. Ele nos lembra que, de acordo com Orlandi, o silêncio não apresenta a característica mortificadora para a qual era relegado, onde representava o “resto” da linguagem. Ele está situado em posição fundamental e é indissociável do discurso. O silêncio apresenta um caráter de incompletude, e é também lugar de equívoco e deslocamento de sentidos, e permite várias formas de ser interpretado. De acordo com Orlandi (2007, p.37) “o silêncio mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem e significa de outras e muitas maneiras”. Ainda segundo esta autora,

[...] o silêncio é, assim, a “respiração” da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito [...] (ORLANDI, 2007, p. 13)

O silêncio é simbólico, e assim sendo, pode ser interpretado. É preciso atravessar a interpretação para chegarmos à compreensão real do discurso. Não se trata aqui de uma interpretação rasa, superficial, mas sim de uma capacidade de entender o que está sendo comunicado de forma subliminar, velada, escondida, mas tão forte quanto a fala e a escrita.

Depois de fazer-se tais observações, espera-se que o cidadão mais observador tenha uma visão mais real e compreensiva acerca de tais monumentos representantes do patrimônio histórico e cultural. Deseja-se que ele passe a olhá-los não somente com a visão de algo inerte e silencioso, representado em pedra e que não tenha somente a intenção de mostrar o belo. Espera-se dele uma visão mais completa e cuidadosa, em que também possa depreender as suas significações históricas e culturais e possa dar-lhes as interpretações devidas.

9. A praça pública – exemplo de espaço público a ser interpretado

Um dos espaços urbanos que tem simbologia determinante em uma cidade é representado pelas praças públicas. Estas, vistas como um dos elementos constituintes da cidade, trazem com elas significados e significantes passíveis de serem interpretados por todos como verdadei-

ros textos, uma vez que suas materializações nos remetem a momentos históricos importantes que possuem uma retórica que lhes é própria. A própria vida cultural, de acordo com David Harvey (1992, p. 53 *apud* GASTAL, p. 42) “é vista como uma série de textos em interseção com outros textos, produzindo mais textos [...]. Esse entrelaçamento intertextual tem vida própria”.

De acordo com o que nos ensina Tuan (2013, p. 133) “O meio ambiente construído, [assim] como a linguagem, tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar e ampliar a consciência. Sem a arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes”.

É exatamente essa consciência e os sentimentos que com ela se agregam que uma determinada construção disposta em espaço público, tal como uma praça pública, assume seu papel de lugar, aqui considerado, de acordo com Félix (2017, p. 14) como “um lar, um espaço íntimo, específico, de um ser humano”, e que tem muito mais representação do que um mero espaço geográfico que não suscite nenhum tipo de sentimento nas pessoas que nele transitem. Quando isto ocorre, tal espaço é considerado como um simples lugar de passagem, ou um não-lugar.

Tudo o que ocorre na cidade, de forma dinâmica, tem significação, e esta, sempre tem uma decorrente interpretação por parte das pessoas, interpretação esta que pode ser diferente para cada uma delas. A função primeira das praças tem um significado, que, na contemporaneidade, já é não é mais o mesmo. Tais mudanças são decorrentes das próprias necessidades apresentadas pela cidade, e, por isso, termos significados diferentes para as mesmas coisas, em momentos diferentes. Todos os fatos que levaram as alterações dessa função original são importantes na tessitura desse texto atual no qual fazemos leituras e chegamos a ressignificações das praças. De início, elas eram o local onde as pessoas se encontravam para simplesmente conversar ou namorar. Na atualidade, suas funções compreendem, dentre outras atividades, o fazer e o acontecer de eventos culturais públicos, movimentos políticos, festas religiosas, atividades comerciais e até mesmo local para atividades físicas e recreativas.

De acordo com Gastal (2006, p. 94) “a cidade é formada por elementos fixos, tais como as praças, os monumentos, igrejas, indústrias, casas, ruas e muitos outros [...]”, mas no entorno de tais elementos fixos “[...] há todo um mundo em movimento, onde circulam pessoas, mercadorias, relações sociais, manifestações culturais, para além do simples

trânsito de veículos individuais e coletivos” (GASTAL, 2006, p. 94). É a própria dinâmica desse entorno, que é algo perfeitamente normal, que vai transformando e criando novos textos a serem lidos e decodificados por todos nós.

Também é preciso considerar que as coisas materiais que foram construídas pelo homem e que vemos, além daquilo que sentimos, mesmo que em seu silêncio e inércia, tais como monumentos ou prédios históricos espalhados no meio urbano, por si só, já mostram o desejo de algo, proveniente de alguém, que se pretenda comunicar. Há aí também um tipo de discurso silencioso que se faz sentir e que tem significação importante, levando-nos a uma interpretação de tais obras.

10. Considerações finais

O estudo das cidades e seus espaços públicos considerados como textos considera-os como uma disposição de fatos materiais, tais como, por exemplo, os estilos arquitetônicos, os materiais para a construção de edifícios para várias destinações, a disposição de ruas e objetos pela cidades, os museus, os monumentos, as estátuas, e outros itens, os quais podem representar a vista geral das cidades e podem refletir a estruturação política e social delas, assim como também registros ideológicos e prioridades sociais na vida de seus habitantes.

A semiótica da cidade pode ser descrita com a classificação de signos apontados por Peirce, e assim sendo, imagens de pessoas ou fatos considerados importantes pelos moradores de uma determinada cidade podem ser preservados na memória coletiva através de suas representações em esculturas, por exemplo.

Neste breve trabalho mostramos como a semiótica pode nos ajudar a conhecer dados importantes acerca de cidades e de seus habitantes, suas identidades, assim como também pode ser uma abordagem interessante para conhecermos a história e a memória social e coletiva das pessoas que vivem em determinada cidade, o que, certamente, possui valor considerável para a pesquisa de pessoas de várias áreas de conhecimento. Não somente estudiosos da linguística, mas também arquitetos, engenheiros, sociólogos, profissionais e estudiosos de artes, historiadores e filósofos podem muito aprender com a abordagem interdisciplinar que nos é trazida pela semiótica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Laurides Lescano Antunes de. A Literatura Marginal de Lima Barreto sob o olhar da Geografia dos “lugares”. In: *Às margens: Literatura, identidade e marginalidades em questão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como história da cidade*. Trad. de Pier Luigi Cabra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. de Maria Lúcia Pereira, Campina-SP: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Trad. de Luciano Vieira Machado. 6. ed. São Paulo: Estação Lierdade; UNESP, 2017.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Eni Orlandi fala sobre análise do discurso e linguagem em entrevista. <http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/11/eni-orlandi-fala-sobre-analise-do-discurso-e-linguagem-em-entrevista.html>
Acesso em: 09 jun. 2018.

FÉLIX, Idemburgo Pereira Frazão; RANGEL, Patrícia Luíza Nogueira. *Às Margens: Literatura, identidade e marginalidades em questão*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Autografia. 2017.

GASTAL, Susana. *Alegorias urbanas – o passado como subterfúgio*. Campinas-SP: Papirus, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JASSO, Matej. *The city as a personality and its projection in urbansemitotics – Observations on spacial identity*. [file:///C:/Users/user/ Downloads/City as Personality Jasso.pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/City%20as%20Personality%20Jasso.pdf). Acesso em: 04 agosto 2019.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os brasis*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MACEDO, S. S.; ROBBIA, F. *Praças brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2002.

OLIVEIRA, Carlos Bões de. *Calando para resistir: um estudo do silêncio em Raymond Carver*. www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/lei/Carlos_Boes_de_Oliveira. Acesso em: 10 jun. 2018.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio*. Campinas: UNICAMP, 2007.

POLLAK, M. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. Coordenação Valdir José de Castro, São Paulo: Paulus, 2003.

SENNET, Richard. *Arte e Pedra – O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad. de Marcos Aarão Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

YANUSHKEVICH, Irina. *Semiotics of social memory in urbanspace: the case of Volgograd (Stalingrad)*. IJCRSEE – International Journal of Cognitive Research in Science, Engineering and Education. Vol. 2, No 1, 2014. <file:///C:/Users/user/Downloads/Dialnet-SemioticsOfSocialMemoryInUrbanSpace-4909363.pdf>. Acesso em: 04 agosto 2019.